

ALAIN DE BOTTON

COMO PENSAR MAIS SOBRE SEXO

How to Think More About Sex

Traduzido do inglês por
Michelle Hapetian



Conteúdos

I. INTRODUÇÃO	9
II. OS PRAZERES DO SEXO	19
1. EROTISMO E SOLIDÃO	21
2. PODERÁ A BELEZA SER PROFUNDA?	47
3. NATALIE OU SCARLETT?	59
III. OS PROBLEMAS DO SEXO	67
1. AMOR E SEXO	69
2. REJEIÇÃO SEXUAL	73
3. FALTA DE DESEJO: INFREQUÊNCIA, IMPOTÊNCIA, RESENTIMENTO	77
4. PORNOGRAFIA: CENSURA, UM NOVO TIPO DE PORNO	107
5. ADULTÉRIO: OS PRAZERES DO ADULTÉRIO, A ESTUPIDEZ DO ADULTÉRIO	125
IV. CONCLUSÃO	143
TRABALHOS DE CASA	149

1.

É raro passar pela vida sem sentirmos – geralmente com um certo grau de sofrimento secreto, talvez quando acaba uma relação, ou quando estamos deitados na cama, frustrados, ao lado do nosso companheiro, sem conseguirmos adormecer – que de alguma forma somos um pouco estranhos, no que toca ao sexo. É uma área em que a maioria das pessoas tem a dolorosa e profunda impressão de ser bastante invulgar. Muito embora seja uma das nossas atividades mais privadas, o sexo não deixa de estar envolto em toda uma série de ideias assentes e socialmente sancionadas que regem a forma de sentir e de atuar das pessoas normais nesse âmbito.

Na realidade, contudo, poucas pessoas são normais ao nível sexual. Quase todos somos perseguidos por culpas e neuroses, por fobias e desejos tumultuosos, por indiferença e repulsa. Nenhum de nós lida com o sexo como seria natural – com aquele espírito alegre, desportivo, equilibrado, constante e sem obsessões que julgamos que as outras pessoas têm e com cujo pensamento nos torturamos. Somos universalmente pervertidos – mas só em relação a alguns ideais da normalidade que são altamente distorcidos.

Uma vez que é tão vulgar ser-se estranho, só podemos lamentar que as realidades da vida sexual raramente cheguem ao domínio público. Continua a ser-nos impossível falar sobre a nossa verdadeira personalidade sexual com as pessoas a quem queremos causar boa impressão. Os homens e as mulheres apaixonados abstêm-se instintivamente de partilhar com os parceiros mais do que uma minúscula amostra dos seus desejos, pois receiam, com alguma razão, provocar-lhes repugnância. Talvez nos seja mais fácil morrer sem ter tido determinadas conversas.

Parece absolutamente prioritário escrever uma obra filosófica sobre o sexo: não para ensinar a praticar relações sexuais mais intensas e com maior frequência, mas para propor, numa linguagem partilhada, formas de nos sentirmos menos dolorosamente estranhos em relação ao tipo de sexo que desejamos praticar ou que queremos evitar.

2.

O embaraço que possamos sentir em relação ao sexo é agravado pela ideia de que pertencemos a uma era de emancipação – e, conseqüentemente, já devíamos encarar o sexo sem subterfúgios ou pruridos.

A história típica da nossa libertação é mais ou menos assim: durante milhares de anos, devido a uma combinação diabólica de fanatismo religioso e costumes sociais pedantes, as pessoas foram vítimas de um estado de confusão em relação ao sexo e de um complexo de culpa injustificado. Julgavam que lhes cairiam as mãos se se masturbassem. Acreditavam que seriam queimadas numa tina de óleo a

ferver se olhassem para o tornozelo de alguém. Não sabiam nada acerca de ereções ou clítoris. Eram ridículas.

Algures entre a Primeira Guerra Mundial e o lançamento do *Sputnik 1*, as coisas mudaram para melhor. A certa altura, as pessoas começaram a usar biquínis, a admitir que se masturbavam, a conseguir falar em cunilíngua em conversas sociais, a ver filmes pornográficos e a estar perfeitamente à vontade com um tema que foi, quase inexplicavelmente, fonte de uma frustração neurótica escusada, durante uma boa parte da história da humanidade. Ser capaz de ter relações sexuais com confiança e alegria tornou-se tão comum na era moderna como os sentimentos de receio e culpa o eram nos tempos antigos. O sexo passou a ser encarado como um passatempo útil, agradável e fisicamente revigorante, um pouco como o ténis – ou seja uma coisa que todos deveriam praticar o máximo possível, para aliviar o *stress* da vida moderna.

Esse discurso esclarecido e progressista, por mais lisonjeiro que seja da nossa capacidade de raciocínio e sensibilidade pagã, contorna convenientemente um facto imutável: é muito pouco provável que alguma vez na vida venhamos a encarar o sexo de ânimo leve. Não foi à toa que o sexo nos consternou durante milhares de anos: os repressivos ditames religiosos e tabus sociais desenvolveram-se a partir de aspectos da nossa natureza de que não nos podemos simplesmente livrar. O sexo incomodava-nos por ser uma força fundamentalmente indisciplinada, arrebatadora e rebelde, incompatível com a maioria das nossas ambições e quase impossível de integrar discretamente na nossa sociedade civilizada.

Apesar do enorme esforço para lhe eliminar todas as peculiaridades, o sexo jamais poderá ser simples ou *agradá-*

vel, pelo menos, não como gostaríamos que fosse. Não é democrático ou gentil na sua essência; está imbuído de crueldade, transgressão e desejo de subjugação e humilhação. Recusa-se a andar, de mãos dadas, ao lado do amor, como devia. Por mais que tentemos domá-lo, o sexo tende recorrentemente a semear o caos nas nossas vidas: leva-nos a destruir relações, ameaça-nos a produtividade e compele-nos a ficar até altas horas da noite, em discotecas, a conversar com pessoas de quem não gostamos, mas a cujos abdominais desejamos muito deitar as mãos. O sexo insiste no absurdo e, porventura, irreconciliável conflito com alguns dos nossos valores e princípios mais nobres. Não será de admirar, pois, que não haja outra alternativa, senão passar boa parte do tempo a reprimir-lhe os caprichos. Devemos aceitar que o sexo é inerentemente estranho, em vez de nos culparmos por não conseguirmos reagir de forma mais normal aos seus impulsos desconcertantes.

Isto não quer dizer que não possamos tornar-nos mais sensatos no que respeita ao sexo. Devemos apenas perceber que é impossível ultrapassar completamente todas as dificuldades que ele nos apresenta. Só podemos aspirar a um respeitoso compromisso com um poder anárquico e insensato.

3.

Os manuais sobre sexo, desde o *Kama Sutra* a *Os Prazeres do Sexo*, são unânimes no que respeita a atribuir os problemas da sexualidade à esfera física. O sexo correrá melhor – asseguram-nos invariavelmente – quando conseguirmos dominar a posição de lótus, aprendermos a usar



Os problemas mais urgentes que enfrentamos com o sexo raramente têm que ver com a técnica. *Kama Sutra*, Índia, finais do século XVII

cubos de gelo de forma criativa ou aplicarmos técnicas comprovadas para atingir o orgasmo em sincronia com os nossos parceiros.

Se às vezes nos eriçamos com esses manuais é porque, por detrás da prosa incentivadora e dos seus diagramas úteis, nos parecem intoleravelmente humilhantes. Pretendem levar-nos a acreditar que o sexo nos dá problemas só porque não experimentámos a masturbação anal, nem apanhamos o jeito ao método Karezza. Contudo, isso são aventuras que pertecem ao extremo luxurioso do espectro da sexualidade humana, e ridicularizam o tipo de desafios a que estamos mais habituados.

Para quase todos nós, a verdadeira preocupação não é tornar o sexo ainda mais agradável com um amante que já está disposto a passar várias horas connosco, num divã, a experimentar novas posições, entre o aroma do jasmim e o chilrear dos pássaros. O que nos preocupa é o sexo com o nosso parceiro de longa data se ter tornado problemático devido a ressentimentos relacionados com a educação dos filhos e com as finanças; o estarmos viciados em pornografia *online*; o constatarmos que só sentimos desejo sexual por pessoas que não amamos; o caso que tivemos com o nosso colega de trabalho e que irremediavelmente partiu o coração do nosso cônjuge e minou para sempre a sua confiança.

4.

Face a estes e a muitos outros problemas, talvez seja de pôr em causa as expetativas que temos sobre a regularidade com que podemos ansiar por que o sexo nos corra bem – e, ao contrário do espírito da época, talvez seja de concluir que

meia dúzia de ocasiões numa vida inteira poderá ser um limite justo e natural para as nossas ambições. À semelhança da felicidade, em termos mais genéricos, ter excelentes relações sexuais poderá ser uma exceção preciosa e sublime.

No decurso dos nossos encontros mais felizes, é raro apreciarmos o privilégio. É só quando envelhecemos e olhamos repetida e nostalgicamente para trás, recordando uns quantos episódios eróticos, que começamos a aperceber-nos de como a natureza é avara nas dádivas que nos faz – e, logo, de como o bom sexo é um extraordinário e raro feito ao nível da biologia, da psicologia e do *timing*.

Ao longo de grande parte da nossa vida, parece que o sexo vive mergulhado em ânsia e embaraço. Por mais que os manuais prometam, não há propriamente solução para a maioria dos dilemas que o sexo nos cria. Um bom livro de autoajuda sobre este tema tem, por conseguinte, de se centrar na gestão do sofrimento e não na sua eliminação; procuramos uma versão literária de um hospício e não de um hospital. Apesar de os livros não poderem resolver-nos os problemas, são uma oportunidade de nos descartarmos das tristezas e de descobirmos a confirmação coletiva das nossas atribulações. Os livros continuam a consolar-nos, lembrando-nos de que não somos os únicos a debater-nos com as dificuldades humilhantes e peculiares impostas pelo nosso inevitável impulso sexual.

